

4^a Parte

Discursos

Itinerário: trinta anos de poesia

Linhares Filho

Minha pequenez humana não merece uma noite esplendorosa como esta, que Deus me concede em sua infinita bondade e misericórdia, possibilitando-me comemorar a trajetória de trinta anos de consagração à Poesia, festejando-os entre familiares, colegas, alunos, amigos e leitores. Dou graças a Deus pela mercê desta noite.

No dia 18 de outubro de 1968, na Livraria Arlindo, do Palácio do Comércio, com a idade de 29 anos, sendo aluno do último ano da antiga Faculdade de Letras da Universidade Federal do Ceará, eu lançava o meu primeiro livro de versos, *Sumos do Tempo*, que trazia o prefácio arguto de Braga Montenegro e capa de Alberon. O livro foi apresentado por um improviso do mestre e amigo Moreira Campos e por um discurso inolvidável do mesmo orador de hoje, o amigo e mestre Artur Eduardo Benevides, texto que depois se estampou nas páginas de *O Unitário*, no dia 3 de novembro desse ano, sob o título "Saudação a um Jovem Poeta". Por iniciativa da Prof^a Angela Gutiérrez, *Sumos do Tempo* foi também lançado na então Faculdade de Letras, juntamente com *Tijolo de Barro*, de Horácio Dídimo, e com apresentação do nosso autorizado lente de Teoria da Literatura, Pedro Paulo Montenegro.

Meu livro, como os de outros companheiros, trazia a chancela de uma editora imaginária, Sin Edições, do nome do grupo literário que integrei e cujo programa estético se baseava num sincretismo, pelo qual se perquirissem e expressassem experiências de todas as estéticas com atualização, em busca da criatividade. Quanto a mim, penso que fui fiel a esse programa na medida de minhas forças, mas, apesar dos esforços de unirem-se os componentes do grupo pela terceira vez, ficou demonstrado, pela nossa incapacidade de associação, que já não precisávamos de agrupar-nos para afirmar-nos literariamente. Desvanece-me, porém, haver escrito o único metapoema sobre o grupo Sin.

Pesquisando-me, num como balanço estético, neste limite entre o outono e o inverno da vida, chego a algumas constatações.

Cultivo sobretudo a poesia lírica pela confissão dos vários sentimentos, máxime o amor, e pelos processos pessoais e conotativos de deformação e transfiguração do real. Outras características conscientizo possuir minha poesia, sendo ela, ainda, memorialista, metafísica, existencial ontológica, social, telúrica, cívica, religiosa, metapoemática, qualidades que aparecem acumuladas umas com outras ou alternadas. Por exemplo, a preocupação social de minha poesia afina com a posição do *Mitsein* heideggeriano (Ser-com-alguém, por extensão Ser-com-os-outros). Procurando conciliar genericamente classicismo e modernismo, penso que minha poesia se inclina para um neo-romantismo e um neo-simbolismo numa atitude de sincretismo, sendo às vezes identificada com a geração de 45 pelo rigor formal sem preciosismo, mas na verdade integrada na diversidade de comportamento da geração 60. Entre os temas e atitudes, que são ora recorrentes, ora antagônicos, a consciência do efêmero, da condição humana, principalmente da morte, o culto do eterno, do transcendente e o cultivo de temas como os seguintes: a família, as origens telúricas e culturais, a imperfeição humana, a contrição, a recuperação, a fuga, a perda, a busca, o encontro, o desencontro e o reencontro. Conscientizo e a crítica tem apontado que minha poesia é essencialista e abrangente, e orienta-se por uma sensibilidade austera. Apesar do habitual equilíbrio, tenho usado experimentos formais, com exploração, sobretudo, do nível semântico e com alguns desvios gramaticais expressivos. Uso versos ora medidos, ora livres, ora polimétricos. Cultivo a alegoria em poemas como "A uma Buscada (Des)aparecida", "Espera da Ave da Paz", "Canção Equina", "Pégaso", "Poema Encomendado por um Náufrago", "Andanças e Marinheiros" e "Canto dos Vinte Anos do Grupo Sin". Escrevi um romanceiro sobre Tancredo Neves e cultivo a ode, a balada, a elegia, o embalo, a canção, o soneto, o hino modernos, e honro-me de haver escrito o hino oficial de minha cidade natal, Lavras da Mangabeira, com música da compositora Dalva Stela.

Senhoras e Senhores, fui sempre um homem de estudo e ponderação, de mais dedicação à Literatura do que à vida literária, por isso as inquietudes da vanglória e da pressa por aparecer nunca me tiraram o equilíbrio, porque nunca se definiram com nitidez em

mim. E já agora a maturidade, depois de eu sentir a dor e as adversidades da existência, matérias de que tanto se nutre o meu poetar, trouxe-me algumas desilusões, entre elas as resultantes de ver o triunfo das inversões dos valores. No entanto, mantenho ainda acesa a chama de alguma esperança, que me faz cantar, acreditar na melhoria do homem, do Brasil e do mundo pelo prestígio da Arte, pelo convencimento da convivência pacífica entre as nações, pela consciência patriótica e política do povo, muitas vezes enganado, esperança que me traz comoção diante, por exemplo, das manifestações carinhosas dos amigos, como as desta noite, em que vos apresento os frutos de meus sonhos, de meu trabalho intelectual, de minhas reflexões e vigílias.

Mariazinha, eis o supremo nome do poema para mim e a fonte inesgotável de Poesia. Mulher e Mar, farol que ilumina a noite de trégua e a noite de luta, que dá voz às coisas, faz manar sumos do tempo, converterem-se em encontros e reencontros os desencontros e transformar-se o tempo sáfaro em tempo de colheita pelas andanças e marinhasgens da vida. A ela, que se oculta na Laurícia dos meus versos, porque é, pela alegoria, figura da possível plenitude do Ser, oferto o meu *Itinerário* poético, para que, como disse Augusto Frederico Schmidt a Yêdda, sua amada, “a poesia torne à sua origem”.

Cabe-me agora agradecer a amigos que contribuíram para o brilho deste momento e presentificar, pela evocação e pela saudade, entes queridos que se foram, e que eu bem gostaria de ter a meu lado, nesta hora de regozijo, unidos aos familiares aqui presentes. Meus pais, o farmacêutico José Gonçalves Linhares e a pintora Maria da Conceição Esteves Linhares; meus tios, sobretudo os literatos, que tanto me marcaram com o seu exemplo, Joel e Josaphat Linhares, e muitos amigos intelectuais como Moreira Campos, Filgueiras Lima, Otacílio Colares, Braga Montenegro, José Valdivino, Carlos Drummond de Andrade, Antônio Quadros, Joaryvar Macedo, Mário Linhares, Henriqueta Galeno, Mário Camarinha da Silva, Antônio Girão Barroso, Jäder de Carvalho, Edigar de Alencar, Mozart Soriano Aderaldo, Cláudio Martins, Caetano Ximenes Aragão e vários outros.

Quanto aos agradecimentos, devo-os primeiramente ao poeta e amigo Artur Eduardo Benevides, Presidente da Academia Cearense

de Letras e Professor Emérito da Universidade Federal do Ceará, por mais uma vez, com a sua palavra candente, com a sua sensibilidade de “Príncipe dos Poetas Cearenses” e com a sua autoridade de crítico e professor de Literatura, falar sobre a poesia do seu ainda aluno e admirador intelectual, a ele que esteve sempre presente, de modo solícito, à minha carreira de versificador e docente.

Agradeço à Scortecci Editora na pessoa de João Scortecci, editor e poeta como Schmidt, pela acolhida e tratamento digno que deu aos meus textos. Ao amigo, professor e artista Geraldo Jesuino, pela capa belíssima que concebeu. Ao poeta, professor e jornalista Carlos Augusto Viana, pela excelente matéria publicada no *Diário do Nordeste* de hoje. A Carlos Alberto Dantas, pela competente digitação dos meus poemas. Ao Ideal Clube, na pessoa do seu presidente, Dr. Paulo Bandeira de Melo, e do diretor do Departamento de Cultura, Dr. Rócio Aguiar Rebouças, pela recepção impecável de agora. À Prof^a Regina Cláudia Pamplona Fiúza, de quem fui professor com muita honra e é Secretária Executiva da Academia Cearense de Letras, pela coordenação da presente solenidade. Às Bibliotecárias Madalena Maria Figueiredo Monteiro e Cláudia Queiroz, pela devotada distribuição do meu livro.

Daqui a pouco, sob a sensível e gentil supervisão da Prof^a Miriam Carlos Moreira de Sousa, Diretora do Conservatório Alberto Nepomuceno e minha confrreira na Academia de Letras e Artes do Nordeste, a quem sou reconhecido e a toda a sua equipe, assistiremos à apresentação de um breve recital de poemas e à exibição do Coral de Câmara do Ceará, que atua sob a regência das Prof^{as} Dalva Stela Nogueira Freire e Rebeca Fermanian de Castro Araújo. Desse modo, sentiremos a emocionante união entre a Música e a Poesia. E a Música, a mais subjetiva das artes, que, como escrevi, “Inspira arroubamento e à prece nos convida, / enche de graça o verso e de poesia a vida”, dará significação adequada, em sua indefinida magia e em sua sugestão de infinitude, o que a simples palavra não consegue, a este momento de graça, em que comemoro convosco trinta anos de Canto Poético. Será o instante de cada um de nós sentir-se transcendentalizado como desejava Fernando Pessoa, ao perceber que a voz da ceifeira refletia um ambiente bucólico:

*Ô céu!
Ó campo! Ó canção! A ciência*

*Pesa tanto e a vida é tão breve!
Entraí por mim dentro! Tornai
Minha alma a vossa sombra leve!
Depois, levando-me, passai!*

Um dia, há mais de quarenta anos, na década de 50, sendo aluno do Seminário São José do Crato, quando ainda desconhecia o lema do Simbolismo segundo o qual "Poesia é Música", eu discursava sobre o "Relacionamento entre a Música e a Poesia" numa sessão do "Grêmio Literário 7 de Setembro", presidida pelo venerando Bispo do Crato, D. Newton Holanda Gurgel, meu amigo, então padre-mestre e prefeito de disciplina naquela Casa de ensino religioso. Eis que, à altura da peroração, um vento accidental, entrando pela janela próxima, arrancou de minhas mãos as páginas últimas do meu texto. No entanto, não me embaracei, pois sabia de cor os derradeiros períodos de minha oração, e a eloquência, pela força da circunstância, intensificou-se, fazendo a assistência prorromper em aplausos redobrados. O incidente, porém, suscitou dúvidas no auditório. Ocorrera um acaso ou tudo não passou de uma artimanha para um efeito sensacional, planejada por mim, que intentava candidatar-me a orador oficial do grêmio? A bem da verdade, dou-vos minha palavra de honra: tratava-se de uma feliz casualidade.

Meus amigos, não mais um vento ocasional sentirei, mas imponderável sopro de eternidade pressentirei roçar-me a face ante a intensificada união da Música com a Poesia, daqui a instantes, e ao influxo do acolhimento da vossa amizade, na epifania desta noite inesquecível, em que aplaudis o Canto dos meus trinta anos de Poesia com esse carinho que recolho no peito para todo o sempre.